

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

“AUTOR NACIONAL/CULTURA BRASILEIRA”: a editora Alfa-Omega nos
anos de 1970.

Gustavo Orsolon de Souza

Bolsista FAPERJ e Doutorando em História Social pela UERJ/FFP

gustavouerj2018@gmail.com

Resumo: o texto tem como objetivo descrever parte da pesquisa que vem sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em História Social da UERJ/FFP. O tema central é a trajetória da editora paulista Alfa-Omega, fundada em 1973, na cidade de São Paulo, pelo jovem casal Fernando Mangarielo e Claudete Machado Mangarielo. Dentro desse contexto, será explorado o seu perfil editorial, através do catálogo do ano 1984, e também uma coleção intitulada História Imediata publicada no final da década de 1970, com temas quentes para o calor da hora.

Palavras-chave: Alfa-Omega; História Intelectual; Política.

Introdução.

O trabalho a que venho apresentar no 31º Simpósio Nacional de História é fruto do andamento da minha pesquisa de Doutorado em História Social. Em 2018, ingressei no Programa de Pós-Graduação em História Social da UERJ/FFP, na linha “Território Identidades e Representações”, tendo como objeto de estudo a editora paulista Alfa-Omega.

A proposta é analisar a história da editora Alfa-Omega, relacionando seu projeto editorial com o período de abertura política durante o regime militar, entre as décadas de 1970 e 1980. Neste sentido, alguns títulos censurados, como, por exemplo, *Quatro Cantos de Pavor e Alguns Poemas Desesperados*, de Álvaro de Faria; e *Em Câmera Lenta*, de Renato Tapajós, ganham atenção especial no trabalho, assim como, uma coleção intitulada História Imediata, em formato de revista, com

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

temas quentes e polêmicos, como, por exemplo, a Guerrilha do Araguaia, a volta da UNE e a greve dos trabalhadores no ABC paulista.

A Editora Alfa-Omega é fundada em 1973, pelo casal Fernando Mangarielo e Claudete Machado Mangarielo. Ela se destaca por publicar obras de oposição, voltadas para a linha ideológica do Partido Comunista Brasileiro (PCB).

A editora não dispõe de um registro com todos os títulos publicados ao longo de sua história. Mas um catálogo do ano 1984, encontrado no setor de periódicos da Biblioteca Nacional, está sendo uma fonte chave para conhecer as primeiras publicações da editora. O catálogo ajuda a visualizar com mais cuidado os principais temas de interesse da Alfa-Omega, assim como, conhecer os autores mais editados.

O catálogo é composto por quinze seções, sendo uma delas intitulada História Imediata. Ao todo, cinco volumes compõem a coleção. O primeiro é *A Guerrilha do Araguaia*, de Palmério Dória, Sérgio Buarque de Gusmão, Vicent Carelli e Jaime Sautchk; o segundo é *A Greve na Voz dos Trabalhadores – da Scania a Itu*, de Oboré; o terceiro é *Araceli – Corrupção em Sociedade*, de Carlos Alberto Luppi; o quarto é *D. Paulo Evaristo Arns – O Cardeal do Povo*, de Getúlio Bittencourt e Paulo Sérgio Markum; e o quinto é *A Volta da UNE – de Ibiúna a Salvador*, de Luiz Henrique Romagnoli e Tânia Gonçalves.

Os volumes são elaborados de forma distinta, onde cada número apresenta um tema diferente. Porém, comungam do mesmo padrão de análise. Produzidos por jornalistas, a coleção ganha o rigor científico da área e traz a informação imediata de uma maneira clara e objetiva para atender um público sedento por respostas para as questões que marcam a década de 1970.

O interesse pela temática editorial origina-se ainda no mestrado. Na dissertação a intenção foi analisar a trajetória intelectual de Clóvis Moura até a publicação de seu primeiro livro em 1959, intitulado *Rebeliões da Senzala*. Esse livro possui uma história. Sua publicação ocorre somente sete anos após ter sido escrito, por uma pequena editora de esquerda chamada Edições Zumbi. Além disso, depois, recebe três novas edições. Desta feita, por editoras grandes, integrando coleções de prestígio.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Durante essa pesquisa, vejo que os estudos sobre editoras ainda é bem tímido na historiografia, poucos estudos se dedicam ao tema¹. Além disso, constato também que as editoras de esquerda tem um papel importante no cenário político e cultural. Elas funcionam como *locus* de crítica e reflexão² sobre a situação e as condições impostas pelo regime militar.

A Fundação da Alfa-Omega: contexto político e econômico.

O Regime Militar, instaurado no Brasil em 1964, teve um sistema de repressão bastante significativo em todos os setores da sociedade. Os anos de 1969 e 1974, por exemplo, podem ser considerados os mais “lacerantes da ditadura”, com o fechamento do Congresso, a cassação e suspensão de direitos políticos, assim como, forte censura à imprensa, as produções culturais e a demissão de muitos professores nas universidades públicas (ALMEIDA; WEIS, 1998, p. 332).

Mas o período também é marcado pelo “milagre econômico”, entre os anos de 1969 e 1973. Dentre algumas características desse período destacam-se: aquecimento do mercado, aumento do Produto Interno Bruto – PIB, queda na inflação; desenvolvimento da construção civil. Esses e outros fatores contribuíram para uma conjuntura favorável à economia brasileira. Como destacam os economistas Luiz Carlos Prado e Fábio Sá Earp, tudo parecia ir muito bem, ninguém poderia imaginar que em 1978 a situação iria mudar bastante com o aumento significativo da dívida externa (PRADO; EARP, 2003, p. 209-234).

O crescimento da indústria editorial brasileira ocorre, curiosamente, na década de 1970. Nesse sentido, o historiador Flamarion Maués destaca que o segmento mais

¹ Uma referência importante sobre o universo editorial é o bibliotecário inglês Laurence Hallewell, com o seu clássico trabalho “O Livro no Brasil – sua história”. Cf. HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil – sua história*. São Paulo: T. A. Queiroz: EDUSP, 1985.

² Vale ressaltar que não é só as editorias se tornam *locus* de resistência à ditadura. A imprensa alternativa também é um lugar importante nesse sentido. Alguns jornais são criados com o objetivo de contestar a truculência do Estado. Além disso, vários movimentos surgem, principalmente entre as décadas de 1960 e 1970 com o objetivo de crítica ao regime. Dentre eles destacam-se: movimentos universitários (liderados pela UNE); movimentos operários; e movimentos feministas. Cf. SANTOS, Desirree dos Reis; SILVA, Izabel Pimentel da. *Das Artes Às Armas: formas de resistência à ditadura militar brasileira nas décadas de 1960 e 1970*. In: GALLO, Carlos Artur; RUBERT, Silvania (orgs.). *Entre a Memória e o Esquecimento: estudos sobre os 50 anos do Golpe Militar no Brasil*. Porto Alegre: Editora Deriva, 2014. p. 115 e 116.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

popular da editora é o de livros de oposição ao regime militar. As editoras de oposição, já estabelecidas – como a Civilização Brasileira, Brasiliense, Vozes, Paz e Terra – retomam o “perfil” político de oposição ao regime militar, editando livros de “parlamentares de oposição, (ex) exilados e (ex) presos políticos”. Para além disso, surgem outras editoras de oposição, que têm o mesmo objetivo: publicar livros com caráter político. Dentre essas editoras, destacam-se: “Alfa-Omega, Global, Edições Populares, Brasil Debates, Ciências Humanas, Kairós, Hucitec, LP&M, Graal, Codecri, Vega e Livramento” (MAUÉS, 2013, p. 10 e 13).

Para entendermos a fundação da Alfa-Omega é preciso, antes de tudo, conhecer parte da trajetória dos editores, pois como afirma a historiadora Heloísa Pontes, para conhecer a história do mercado editorial no Brasil de forma completa é preciso expor, antes de tudo, as trajetórias dos editores (PONTES, 1989, p. 370).

Fernando Celso de Castro Mangarielo nasce em Recife, em 1947. Em 1965, aos 18 anos de idade, vem para São Paulo. Dois anos depois de estabelecido na cidade, entra para o curso de Ciências Orientais da USP. Em 1968, ao mesmo tempo em que estuda, Mangarielo começa a exercer a função de diretor da Banca da Cultura, uma espécie de “ponto de encontro” dos estudantes da USP, onde ele também vende livros. No mesmo ano, as atividades da “Banca” são interrompidas devido a uma invasão policial, e Mangarielo fica preso por 136 dias (ARAGÃO, 2013, p. 75).

O desejo de se tornar editor só vem alguns anos mais tarde. Questionado pela historiadora Eloísa Aragão sobre como se torna editor, Mangarielo fala de uma influência importante, a do amigo e filósofo Jacob Bazarrian. Segundo Mangarielo, seu destino é uma incógnita na época. Isso porque não sabia que caminho seguir após terminar o curso universitário. Bazarrian sugere que se torne editor, já que possui características essenciais para exercer tal função: saber “ouvir”; e “verticalizar a compreensão dos fatos filosóficos, sociais e políticos” (ARAGÃO, 2007, p. 158).

A trajetória de Claudete Machado é diferente. Ela nasce em 14 de setembro de 1949, em Itaquaquecetuba, interior de São Paulo. Em 1972 é convidada para trabalhar como Gerente de Contas no Banco Mercantil de São Paulo. É nesta época que conhece seu futuro marido e sócio. O que tudo indica é que o apoio de Claudete é fundamental

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

no processo de concretização da editora. No ano de 1973, o jovem casal funda a Alfa-Omega.

A editora nasce no pequeno apartamento do casal, localizado na Rua Santa Isabel, nº 323, conjunto 502, no centro da cidade, próximo a Santa Casa de Misericórdia, em São Paulo. No começo, são apenas os dois a tocar a editora. Quando é editado o primeiro livro, Claudete Machado Mangarielo se recorda da necessidade de contratar um “*office boy*” para ajudar com algumas tarefas. Mas as funções de “vendedora, secretária e administrativa”, são todas exercidas por ela. Apenas um contador é contratado para cuidar da contabilidade da empresa (Entrevista de Claudete, 2018).

A Produção Literária da Alfa-Omega nos Primeiros Anos.

Em março de 1973, o jornal *Diário da Noite* noticia a fundação da editora e o seu primeiro livro.

Está nascendo uma nova editora em São Paulo. Vai chamar-se “Alfa-Omega” e funcionará sob a direção de um jovem de 26 anos, Fernando Mangarielo. O primeiro lançamento desta editora será ainda este mês: *A Ideia Republicana no Brasil Através dos Documentos*. Fernando afirma que não pretende ser o Larousse brasileiro. Ele quer apenas que sua editora se constitua na pedra angular que trará o autor nacional para o “boom” do livro que se inicia no Brasil. Será, também, conforme explica, uma janela aberta para escritores preocupados com a nossa realidade, com o Brasil de agora, com nosso processo econômico-político-social. Vai editar somente escritores que tragam uma real contribuição à fase vivida pelo nosso País e ao nosso desenvolvimento, onde se inclui, também e principalmente, a cultura. “A editora Alfa-Omega se propõe defender o autor e o livro nacionais, através de uma programação editorial intensiva e voltada quase que exclusivamente para as necessidades do ensino superior, em nosso País” – diz Fernando Mangarielo (*Diário da Noite*, 1973).

O livro de estreia, *A Ideia Republicana no Brasil Através dos Documentos*, de Reynaldo Xavier Carneiro Pessoa, professor da USP, da disciplina História da União Soviética é usado em sala de aula pelos universitários. A vendagem, na avaliação de Eloísa, é de 1500 exemplares no curto período de seis meses. (ARAGÃO, 2013, p. 76).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O livro reúne 16 documentos acerca do Movimento Republicano ocorrido no Brasil durante o século XIX. Para cada documento destacado, existe um breve comentário do autor.

Após o livro de estreia, outros títulos importantes também marcam o catálogo da Alfa-Omega. Fernando Mangarielo e Claudete Machado Mangarielo investem em autores que se destacam durante o regime militar pela oposição ao regime. Dentre eles, destaco a publicação de: *A Ilha: um repórter brasileiro no país de Fidel Castro* (1976), de Fernando Moraes; *A Sangue-Quente: a morte do jornalista Vladimir Herzog* (1978), de Hamilton Almeida Filho; *Cuba Hoje: 20 anos de revolução* (1979), de Jorge Escosteguy; *A História Me Absolverá* (1979), de Fidel Castro; *Em Câmara Lenta*³ (1977), de Renato Tapajós. Alguns livros são de grande sucesso, o que permite certa estabilidade comercial para a Editora no mercado de livros da época (ARAGÃO, 2007, p. 156-160).

Ainda na primeira década de funcionamento, a editora publica uma coleção intitulada História Imediata, como mencionada anteriormente, composta por cinco volumes. Os números são publicados entre os anos de 1978 e 1979 e são vendidos em bancas de jornal de mais de cem cidades brasileiras. Os autores, em sua maioria, jornalistas, buscam retratar temas políticos atuais através de uma linguagem simples e de fácil entendimento.

Andamento da Pesquisa e Referenciais Teóricos.

A historiografia ainda não conta com um estudo sobre a editora Alfa-Omega, uma importante casa editorial que tem um papel político relevante durante o período de regime militar, já que sua fundação acontece em plena ditadura.

Nesse sentido, a pesquisa pretende não apenas contribuir para esse debate historiográfico, que relaciona casas editoriais e política, mas realizar uma investigação

³ O livro em *Câmara Lenta*, de Renato Tapajós é publicado em 1977 pela Alfa-Omega. A obra é um romance e traz a experiência de luta do autor na Ala Vermelha. Preso entre os anos de 1969-1974, Tapajós escreve os originais ainda na prisão. Cf. FREITAS, Guilherme. Censura a Livros na Ditadura Deixou Herança Autoritária. In: *Jornal O Globo*, Prosa. Rio de Janeiro, 22/03/2014. Disponível na internet via: <http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2014/03/22/censura-livros-na-ditadura-deixou-heranca-autoritaria-528431.asp>. Acesso em: 24/08/2014.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

minuciosa do papel desempenhado pela Alfa-Omega durante o período de abertura política, observando sua posição crítica em relação ao pensamento político, cultural e social.

A história intelectual será o ponto partida, ou seja, o fio condutor que irá costurar cultura e poder, pilares fundamentais para compreender a trajetória dos editores e da editora Alfa-Omega.⁴ Para entender o que é história intelectual e sua contribuição para essa pesquisa, destaco alguns caminhos apontados pela historiadora Helenice Rodrigues da Silva.

A historiadora afirma que não há uma resposta precisa para definir o que é a história intelectual, mas é possível fazer algumas “constatações prévias” sobre ela. Uma dessas “constatações” é o caráter “pluridisciplinar” da história intelectual, que está vinculada não somente à história, como também à filosofia e à sociologia. Nesse sentido, utilizando o conceito de “campo” de Pierre Bourdieu, Helenice da Silva afirma que a história intelectual tem dois objetivos essenciais: entender a sociedade intelectual a partir de seu funcionamento, com “suas práticas”, “suas estratégias” e seus “*hábitus*”; e entender as “modalidades específicas de pensar e de agir por parte dos intelectuais”, ou seja, destacando as características históricas e conjunturais (SILVA, 2002, p. 12). Tal reflexão é bastante válida para a pesquisa, já que, ao analisar a trajetória e o perfil editorial da Alfa-Omega, busco também entender um pouco da forma de “pensar e de agir” do editor, dos autores e do círculo intelectual no qual se encontram inscritos, tendo em mente as características históricas e conjunturais para examinar os possíveis debates.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, a historiadora faz outra constatação sobre a história intelectual que ajuda bastante nessa pesquisa. A pesquisadora destaca a necessidade de analisar não somente as “articulações internas (discurso)”, como também as “articulações externas (‘campo’, contextos, conjuntura)” de uma obra (SILVA, 2002, p. 12). Isso significa também que estou preocupado com o “campo” de produção e com a conjuntura histórica em que foram produzidas alguns dos principais

⁴ Por muito tempo a história intelectual esteve vinculada a história social. Somente a partir da década de 1960, com o que o historiador americano Robert Darnton denominou de “Movimento dos Estudos Americanos”, foi que a história intelectual ganhou certa independência. Cf. DARNTON, Robert. *O Beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1995. p. 177.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

títulos produzidos pela editora tendo, dessa forma, uma visão mais ampla das principais publicações.

A interpretação de Michael Pollak, sociólogo que nasce na Áustria e é radicado na França, também se torna aqui muito apropriada. A partir da interpretação do sociólogo francês Maurice Halbwachs, Pollak destaca que a memória deve ser entendida como um “fenômeno coletivo e social”, que está sujeito a “flutuações e mudanças” constantes. Nesse sentido, Pollak identifica os elementos que constituem o campo da memória, que podem ser percebidos de duas maneiras: os “acontecimentos” que são “vividos pessoalmente” e os “acontecimentos” que são vividos pelo grupo ao qual a pessoa se sente pertencente (POLLAK, 1992, p. 201). A diferenciação se torna fundamental para a análise. Mesmo sabendo das possíveis “flutuações”, para entender a trajetória do editor, é necessário refletir sobre os “acontecimentos” vividos por ele, levando em conta a sua própria memória e, ao mesmo tempo, os acontecimentos ao grupo (ou grupos) ao qual (aos quais) ele estava inserido ou circula com frequência.

Ainda como parte do esforço de conhecer a trajetória da editora Alfa-Omega, um conceito chave será utilizado nessa pesquisa: o “*não-dito*”, do pesquisador francês Michel de Certeau, em sua obra “A Escrita da História”. Para Certeau, toda produção historiográfica está articulada a um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural. Isso significa que é através do lugar social que se definem os métodos a serem utilizados e os interesses de estudo. Esses caminhos, portanto, estão relacionados aos interesses da instituição, impedindo, dessa maneira, que alguns elementos sejam expostos, ou seja, “ditos” para o leitor (CERTEAU, 1982, p. 66-69).

Mas, não é só Certeau que utiliza o conceito, o já citado Michael de Pollak, também se apropria do “*não-dito*”, observando que existem lembranças que ficam na “sombra”, no “silêncio”, ou simplesmente, não são ditas, como se fossem uma memória subterrânea e sem importância. Todavia, do outro lado, existiria uma memória organizada, preocupada em criar uma imagem positiva, que refletisse os interesses do Estado (POLLAK, 1989, p. 08-09).

Pollak parte mais uma vez do conceito de memória coletiva de Maurice Halbwach para entender os diferentes processos e atores que influenciam na formalização das memórias. O pesquisador também procura entender a contribuição da

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

história oral dentro das chamadas “memórias subterrâneas”, que segundo sua análise, silenciosamente subvertem a lógica imposta por uma memória oficial coletiva.

A pesquisa encontra-se em andamento. Três capítulos estão finalizados. O primeiro tem o objetivo de situar o mercado de livros, conhecer a trajetória dos editores e entender a criação da editora. O segundo visa analisar o catálogo de 1984 – o mais antigo encontrado – para conhecer os temas e autores mais editados pela Alfa-Omega. O terceiro tem a intenção de analisar a coleção História Imediata e perceber a originalidade do material.

Portanto, quanto aos meios, esta pesquisa pode ser classificada como documental, pois se baseia fundamentalmente em fontes primárias encontradas na editora Alfa-Omega, e também em uma coleção publicada por ela. Em relação aos fins, é uma pesquisa de caráter exploratório. Exploratório por ser ainda um objeto e um campo de estudo ainda não trabalhado.

Referências Bibliográficas:

Fontes:

Entrevista concedida, via e-mail, por Fernando Mangarielo em 15/09/2014.

Entrevista concedida por Claudete Machado Mangarielo ao autor, em São Paulo, no dia 16 de julho de 2018.

FARIA, Álvaro de. Leitura. In: *Diário da Noite*, São Paulo, 14 de março de 1973.

Disponível na internet, no Acervo Digital da Biblioteca Nacional – Brasil, via: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=221961_05&pagfis=22489.

Acesso em: 04/08/2018.

Entrevista concedida, via e-mail, por Fernando Mangarielo em 05/03/2017.

Entrevista concedida, via e-mail, por Fernando Mangarielo em 11/10/2014.

Bibliografia:

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de; WEIS, Luiz. Carro-Zero e Pau-de-Arara: o cotidiano da oposição da classe média ao regime militar. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ARAGÃO, Eloísa. A Editora Alfa-Ômega nos Anos de Chumbo: entrevista com Fernando Mangarielo. In: *Oralidades – Revista de História Oral*, nº 02. São Paulo: Universidade de São Paulo - USP, 2007.

_____. *Censura na Lei e na Marra: como a ditadura quis calar as narrativas sobre suas violências*. São Paulo: Humanitas/FAPESP, 2013.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

DARNTON, Robert. *O Beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1995.

FREITAS, Guilherme. Censura a Livros na Ditadura Deixou Herança Autoritária. In: *Jornal O Globo*, Prosa. Rio de Janeiro, 22/03/2014. Disponível na internet via: <http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2014/03/22/censura-livros-na-ditadura-deixou-heranca-autoritaria-528431.asp>. Acesso em: 24/08/2014.

HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil – sua história*. São Paulo: T. A. Queiroz: EDUSP, 1985.

MAUÉS, Flamarion. *Livros Contra a Ditadura: editoras de oposição no Brasil, 1974-1984*. São Paulo: Publisher Brasil, 2013.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: *Estudos Históricos*, vol. 05, n. 10. CPDOC: Rio de Janeiro, 1992. p. 201. Disponível na internet via: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/issue/view/276>. Acesso em: 27/08/2013.

_____. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989.

PONTES, Heloísa. Retratos do Brasil: editores, editoras e “Coleção Brasileira” nas décadas de 30, 40 e 50. In: MICELI, Sérgio (org.). *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais: IDESP, 1989.

PRADO, Luiz Carlos Delorme; EARP, Fábio Sá. O “Milagre” Brasileiro: crescimento acelerado, integração internacional. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Almeida Neves (orgs.). *O Brasil Republicano. O Tempo da Ditadura – regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Vol 4. Rio de Janeiro, 2003.

SILVA, Helenice Rodrigues da. *Fragmentos da História Intelectual Entre Questionamentos e Perspectivas*. Campinas-SP: Papyrus Editora, 2002.

SANTOS, Desirree dos Reis; SILVA, Izabel Pimentel da. Das Artes Às Armas: formas de resistência à ditadura militar brasileira nas décadas de 1960 e 1970. In: GALLO, Carlos Artur; RUBERT, Silvania (orgs.). *Entre a Memória e o Esquecimento: estudos sobre os 50 anos do Golpe Militar no Brasil*. Porto Alegre: Editora Deriva, 2014.